

Macunaíma

Darcy Ribeiro

Mário de Andrade ia rir, feliz de tão contente, se visse esta edição crítica de Macunaíma. Que autor, neste mundo, não se alegraria? O que o leitor tem em mãos é uma obra incomparável de amor e erudição, abraçados um ao outro, ardentemente. O amor se fazendo compreensão conivente e comovida: artes de Telê. A erudição, repensando, livre, todas as mil caras de Macunaíma, catando tudo o que possa achar e também o que invente, até impensáveis, para torná-lo inteligível: artes de Telê e seus sequazes.

Apesar deste não ser meu papel aqui, não resisto à tentação de entrar na dança e dar, eu também, minha visão pessoal de Macunaíma. Não será, é claro, nenhuma interpretação erudita, como as que este livro enfeixa. Será, isto sim, a meditação de outro romancista, apaixonado que nem Mário pelo Brasil e revestido, como ele, de saberes do mato virgem.

Macunaíma sempre foi meu encantamento. Estudante mineiro nos primeiros anos dos quarenta, eu era do bando da pedra de Carlos, contra tudo e contra todos; o que me situava, topograficamente, no partido de Mário e de Macunaíma.

Uma de minhas dores pregressas é, por sectarismo político, não ter ido ver Mário, morando eu em São Paulo, no último ano de sua vida. E aprendiz de etnólogo, tendo tanto, tanto, que ouvir dele. Não fui, porque ao encontro marcado no salão de chá da Livraria Jaraguá, Mário apareceu com *Germinal* e Paulo Emílio, trotskistas, e eu refuguei.

Li, reli Macunaíma muitas vezes, curtindo sempre. Sobretudo na leitura guiada por Proença. Gostei demais de vê-lo no filme, no teatro e no balé. Ainda mais porque os vi no exílio, com o encanto redobrado de quem olhava extasiado, meu Brasil proibido. Até tentei, de certo modo, gestar um primo de Macunaí-

ma. *Para tanto, criei Pitu, na minha Utopia Selvagem. Tudo isto, se não me dá autoridade, me dá alento e voz para falar aqui de Macunaíma, sem nenhuma obrigação de sabedoria, mas com muita intimidade.*

Mário precisou de muita alma e coragem para escrever este retrato oblíquo, transversal, do Brasil. Sobretudo, para assumir a alegria infundada e até inverossímil de nossa gente tão pobre e famélica. Escrever Macunaíma exigia gênio demais. Isto, Mário tinha. Suficiente, não só para confessar, em desespero, que o mundo não tem remédio, mas também para transcender tanto do desengano poético, como do arrazoado ideológico e entrar na gandaia popular, rindo com o povo, neste livro-palhaçada: desconcertante utopia anti-ufanista.

Desconcertante e polêmico, repito, mas norreador como nenhum outro. Macunaíma, polifonia das falas e dicas mais brasílicas, repertório de caçoadas epiléticas, é o discurso em que Mário nos mostra, matreiro, o caminho não rui-barbósico nem pauloprádico, de nos exercermos como intelectuais de nosso povo mestiçado na carne e na alma, desde sempre à véspera de realizar suas potencialidades.

A primeira questão que se põe para mim, é saber se Macunaíma é mesmo inteligível. E mais: se será explicável alguma obra vivida da literatura. Para mim, elas são milagres. Por mais e melhores dados que se tenha compilado e reelaborado aqui – e é inumerável a quantidade deles e altíssima sua relevância – suspeito muito que Macunaíma permanece um mistério.

Todo o muito demais que – sabemos agora – entrou em Mário para ser Macunaíma, somado aos estremunhos sofridos e gozosos dele próprio – aqui também copiosamente capitulados – não seria suficiente para ninguém engendrar Macunaíma. Falta alguma coisa não compaginável. O quê? Sei lá. Seria talvez esta voz íntima, surgida dos rios mais profundos, insondáveis, do escritor, que lhe ditam suas obras. Entre elas, este livro impossível que é Macunaíma, fazendo-o assim, tal qual é: inaudito.

Tentando vestir o couro de Mário e sentar-me na sua cadeira – ou deitar-me na banheira araraquarense de que fala Heleieth – para entendê-lo, o que é que acho? Acho que Mário, se não é trezentos, é três, pelo menos. É o erudito leitor, voraz e insaciável, que tudo leu. É também, o exótico paulista, viajador, que sai de casa para ver o Brasil de fora a fora. É, ainda, o exilado paulistano, tão enturmado, tão escrevedor de cartas, mas tão sozinho, se cozinhando no seu próprio caldo, meditando.

Esta tríade faz de Mário a enciclopédia viva das brasilindionegritudinalidades. Um vasto repertório sábio e afetivo. Inútil para qualquer outro, mas que, posto em Mário, explodiu num repente, e se derramou num caudal anárquico para viver as aventuras de Macunaíma: o herói sem nenhum caráter de nossa gente. Tanta aventura e desventura para ser, por fim, a estrela-guia da Ursa maior. Uma pena.

Mas vamos, que é hora, às questões cruciais. Por que herói? Por que sem nenhum caráter? Por que de nossa gente?

Herói, creio eu, no sentido mítico. Não as altas figuras mitológicas dos heróis-civilizadores, aos quais se atribuem feitos que explicam a ordem social ou a dação de bens culturais, como a lavoura ou a cerâmica. Mas sim, este outro gênero de herói, o trickster, insólito, que se encontra com tanta frequência nas nossas mitologias indígenas. São uns gozadores que mentindo, maliciando, enganando, artreiros e treiteiros, atribuem inteligência à ingenuidade do herói principal. Geralmente um deus bom, meio bobão.

Lembro-me de Güekrig, o trapalhão que descobri entre os Kadiweu, ponderando a Gonoenohod que não devia pôr o mel nascendo em caboças ou o algodão já emovelos, porque assim seu povo cairia na preguiça. Ou o Mikura dos Tembé, recomendando a Maíra que castrasse a deus-pai para criar o sexo e a sexualidade; ou aconselhando a abrir ânus nas pessoas, a fim de que pudessem despojar, em lugar de comer e vomitar.

A questão do caráter ou da falta dele em Macunaíma me intriga mais ainda. Não seria ele assim, tão sem juízo e compostura, para contrapor-se ao senso comum da gente séria, ajuizada, bem comportada, ganhadora de dinheiro, virtuosa e servil? Os que fazem e conservam este mundo feio e triste, tal qual é? O herói trickster, safado e moleque, aos olhos dos próprios índios – que já não são lá gente muito séria – convertido em Macunaíma, resulta numa gargalhada frente a tanta bobice circumspecta como as do mundo que rodeava Mário.

Ser Macunaíma, o herói de nossa gente, a meu juízo, só pode ser porque ele veste a carne que nos veste; porque é a carapuça que nos cabe, a nós brasileiros. Falo, é claro, não de nós, do clube dos contemplados, mas do brasileiro-massa, povão, desde sempre humilhado e ofendido, o que, aparentemente, é toda uma contradição.

Na verdade de Mário, Macunaíma é nossa razão catártica. O brasileiro dele é o do carnaval, da caçoada folclórica, da gente que, cantando, dançando, ironizando, rindo – inocente e sem medo – se vinga de quem, além de oprimi-lo e explorá-lo, ainda quer fazer sua cabeça. A consciência popular brasileira se faz inviolável, insubornável, não se deixando invadir e dominar, é graças a este escudo brincalhão do riso e da malícia. Se não fosse assim, todos seríamos eleitores guiados pela TV, resignados com a pouca vergonha que campeia por aí. Você não acha?

Esta alegria imotivada é a vingança do povo, sua revanche, contra a envolvente trama intelectual que se lança sobre suas cabeças, atribuindo a ele a culpa de nossos crônicos males. Debitando o fracasso nacional ao povo, à sua suposta inferioridade racial, à sua alegada indolência tropical, à sua propalada luxúria pagã, os poderosos, os ricos, os brancos, os educados – donos do

mundo, senhores da vida – se livram de culpas. Jogam sobre o povo, o pobre, o preto, a mulataria, as responsabilidades de nosso desempenho medíocre, ontem e hoje.

Confesso que, para mim, a qualidade maior de Macunaíma é dar expressão à alegria brasileira. O livro todo estruge num carnaval de dicas, tiradas, disparates, gozações, sátiras, paródias – e que paródias! – E todo ele um acesso de alegria incontida.

Não seria esta alegria – além da mestiçagem alvoroçada, da espantosa uniformidade cultural e do brutal desgarramento classista – uma das características distintivas dos brasileiros? Que ela existe, prodigiosa, só duvidaria quem nunca viu nossos folguedos populares nórdicos e nordestinos, o carnaval carioca ou os variados festivais de Iemanjá, a deusa grego-mulata do crioulo brasileiro. De onde nos vem esta alegria pagã que não vi em tantos povos exitosos e bem nutridos, pelo mundo afora? Seria ela a compensação dialética que o povo se dá da vida azarosa, famélica e triste que lhe impõem? A vingança do sofredor que, em dias excepcionais, rindo, pilheriando, renega a fome, a dor e o medo do seu cotidiano?

Quem negaria que Macunaíma é o texto mais jocoso e mais gozoso que se escreveu em nossa língua? Ou em outras? Sei lá eu. Pra mim, nem Rabelais se iguala a Mário. É visível o prazer com que ele compôs sua rapsódia – muito sorri escrevendo, confessou – se dando liberdades inimagináveis antes dele, tanto para fantasiar, brincar, como para questionar, implicar, ironizar.

Tudo isso faz Macunaíma tão agudamente lúcido como alacramente lúdico, nas peripécias aparentemente fúteis do herói que sai atrás do muiiraquitã sagrado. Mário, vestido na pele deste herói contraditório, se faz tudo o que quer ser, pelo direito e pelo avesso. É inocente e astuto, enfasiado e insaciável, esperto e crédulo, encantador e grotesco, imprudente e confiante, além de perverso, mentiroso, covarde e, sobretudo, preguiçoso.

Aliás, essa preguiça de Macunaíma é, acho eu, outro talento bem brasileiro. Preguiça como desgosto de fazer qualquer esforço que não dê gozo: e até mesmo os gozosos, por vezes. Uma brasileira preguiça, diria Antonio Candido, como a reação do escravo predestinado pelo senhor a ser queimado no eito como carvão humano se não se poupa, negando-se à sua destinação de morrer para o patrão lucrar. Os descendentes do escravo e do senhor aí estão, até hoje, nesta contenda: os esfoladores e os esfolados, os tristes e os risonhos.

Buscando o sentido de Macunaíma à luz dos textos aqui reunidos, o que vejo é uma reversão de imagens no passo da antropofagia ao endocanibalismo. O modernismo paulista explodindo, exausto de uma literatura pejada de europeidade e circunspeção, entra no desvario antropofágico. Mas fica nisto, fazendo roda na busca de si mesmo, até que Mário cai no ínvio mato bravo. Aí posto, encontra a amplitude de que precisava para, fantasiando livre, alcançar a ori-

ginalidade selvática e inocente que jamais tínhamos atingido. Misturando mitos e sacanagens, etnografias e invencionices, semânticas e galimatias, Mário expressa os brasileiros tal como ele, e só ele então, os via, nos via.

Conforme se vê, Macunaíma é casa que Mário constrói com adobes de dizeres índios, telhas de arcaísmos caipiras e o cal de suas erudições. Àqueles adobes índios se atribui uma genuinidade vetusta que faria dele o mais brasileiro dos livros. Aquelas telhas de nosso imaginário popular acentuariam mais esta autenticidade. O cal cáustico de Mário, queimando beletrismos convencionais, coroaria a obra de nossa genialidade original. Tudo bem, mas nem tanto.

Na verdade das coisas – como negá-lo? – aquela autenticidade índia era dos índios, que nem brasileiros são. Serviram, é certo, à maravilha, para fugir do discurso espúrio, seja do índio alencarino, seja do pretenso civilizador. Acresce que Mário neste galope em busca da autenticidade, tanto acelerou, que foi buscar Macunaíma na indiada guiana, que nunca tínhamos visto por cá e que aqui não representou papel algum. Ele a bebeu nos textos de sabidos sábios alemães. Mas tão bem a desvestiu e a revestiu de tupinológicas porandubas, de brasilidades arcaicas e de africanidades, que são nossas matrizes que ali reluzem. Nosso ser, soterrado debaixo do lixo colonial e nacional, ressurge na fala de Mário mais fielmente figurado, e mais vivazmente nosso que em qualquer discurso anterior.

Assim é que a fala do guianense ou venezuelano Macunaíma se faz nossa fala genuína, numa oralidade deliciosa, com que qualquer brasileiro se identifica instantâneo, exclamando, alegre – é nossa fala. É nosso jeito! É nossa gente!

Mas, pondero eu, outra vez: – não é bem assim. Quiséramos. Na verdade das coisas, o curral da civilização ocidental que nos contém é vasto demais e inconsútil. Ninguém escapa dele, nem Mário. Quando ele mais se distancia, disparado, atravessando florestas, cortando sertões, vestido de carnes índias, negras e mestiçadas, é ainda a moda parisiense, que abre seus olhos para ver.

Essa é nossa circunstância inelutável. Por mais exóticos que sejamos e queiramos ser, é neste curral, nesta dimensão, que existimos. Nela é que estamos condenados a criar. Felizmente – e quem inaugura esta moda é Mário – já não só papagaiando, nem provendo material etnográfico e folclórico bruto para digestões alheias. Mas digerindo, nós mesmos, as nossas diretrizes, endofagicamente para exprimir; melhor que outro qualquer, o humano que encarnamos.

Isto é o que Mário faz, altíssimamente. Atado, embora, à nossa circunstância civilizatória, ele expressa melhor que ninguém nossa genuinidade mais original. O faz, porém, como criador literário do ocidente, sem sombra de provincianismo brasílico ou paulistano. Isto é Macunaíma, tão nosso, brasílico, como nada mais. Tão universal, como o que mais o seja. Selvagem e civilizadíssimo. Só Mário.

Voltemos, agora, a meu papel. O que me cabe aqui é apresentar a você, louvar, este enxame de ensaios. Primeirissimamente, a obra de Telê na fixação admirável das falas de Mário no texto de Macunaíma e nos seus ensaios em que ela se supera de amor a Mário e na compreensão mais minuciosa e iluminante. Primeirissimamente, outra vez, os outros ensaios todos. O de Bosi, sábio ulpiano que retoma o tom e o timbre de Antonio Candido para nos ajudar a ver Macunaíma com outros olhos, desvendando motivações impensadas. O estudo luminoso – tão bom de ler – de Santiago, sobre a fortuna crítica sem azar de Macunaíma que amanheceu tão tardia, mas logo virou dia, pleno, esplendoroso.

Boa também de ler, surpreendente, é a pesquisa erudita, acuradíssima, de Raúl Antelo. Além de situar Macunaíma na literatura, como não se havia feito ainda, ele nos revela pelas leituras de Mário, quanto ele foi, antes de todos nós, um latino-americano professo.

E não é só, tem mais, muito mais neste mutirão a que se juntaram as moças Maria Augusta, Eneida e Diléa para debulhar, exegéticas, as falas de Mário e desdobrar criticamente os discursos mariológicos.

E, nesta segunda edição, a presença de Gilda de Mello e Souza, um texto fundamental, o enriquecimento que se alarga nos ensaios de Haroldo de Campos, do mexicano Héctor Olea, de Šárka Grauová, Ettore Finazzi-Agrò e Pierre Rivas. Beleza de livro. Desfrute.